

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado

Class.: 215 XGR

Data: 20.07.86

Pg.: _____

Prossegue desmatamento na reserva de Ibirama

Por Viviane Rousseng

Blumenau — A cobertura vegetal da reserva indígena de Ibirama está com os dias contados. Estatísticas revelam que num prazo de 15 anos, os mais de 17 mil hectares de área poderão se resumir a um deserto como consequência direta da extração irracional de madeira. Cerca de 50 empresas de municípios vizinhos encostam seus caminhões naquela área, levando em valor nada menos do que Cz\$ 350 mil por dia, 1/3 da arrecadação

mensal da prefeitura de Ibirama. Órgãos federais como a Funai e o IBDF silenciam sobre a questão. A venda desenfreada e ilegal da madeira pelos índios, "chegou a um ponto de ser impossível de conter" reconhece o ecólogo e relações públicas da prefeitura, Nelson Secchi.

Advertências não faltam para o problema que se arrasta há mais de dez anos. Esta semana o candidato a deputado federal e assembleia nacional constituinte pelo PMDB, Vilson Souza, desta cidade, cutucou novamente a ferida. Nomes dos

maiores madeireiros da região, como os de Nelson Morro, Silvio Kobroski Berri, Artur Spitz e Rudi Kirchner envolvem a denúncia que aponta conivência do governo federal como membros do PFL e PDS. Na localidade de Alto Benedito Novo, o líder comunitário Herbert Hoffmann manifesta a revolta da população em "assistir aos protegidos impunes".

O ESTADO esteve durante toda a noite de quinta-feira na área, conseguindo furar o cerco e constatando a devastação em diversos pontos da reserva. O índio

O.G. acompanhou a reportagem e confirmou a denúncia: "Estão acabando com tudo. A Funai e o IBDF são incapazes de conter o abuso, analisa Secchi, observando que os próprios índios realizam os contratos. Na reserva, o cacique Aristides Crili nega depoimentos à imprensa. Seu filho Dili não poupa ameaças: "Se insistir mais, índios não se responsabiliza por vocês".

RECORDE

Se a venda da madeira é considerada compensadora entre os Xoclings, não é para todos. O.G. também vende madeira num cami-

nhão F.N.M. que comprou há alguns meses e que leva quase uma semana para ser carregado. Trabalho duro compartilhado com dois filhos, que tem um gosto amargo no final. Os Cz\$ 1.500 cruzados cobrados pela carga permanecem "empilhados" por falta de comprador. Não é para menos. A comercialização clandestina vem declinando o preço do metro cúbico da madeira, que no início do ano era em média de mil cruzados, tanto para a canela como para o sassará. O.G. acusa o cacique de "mentiroso" denunciando que os gran-

des madeireiros tem regalias nos negócios que tratam diretamente com o chefe da tribo.

No final de 85, Prefeitura, IBDF e Funai firmaram um acordo oficioso na tentativa de burlar os aspectos burocráticos da questão e estancar o processo de saída de recursos da reserva. A prefeitura vinha cadastrando as empresas interessadas que concorriam para as licitações feitas por edital, mas o controle durou pouco. Em menos de três meses, "os próprios índios se rebelaram contra a medida argumentando que desejavam

vender pessoalmente seu produto", observa Nelson Secchi.

Essa venda direta aos madeireiros quebrou todos os recordes a partir deste mês. Os caminhões abrem picadas em todos os sentidos para chegar à reserva e é impossível prever em números o que isso significa em abastecimento. O percurso oficial, estrada da localidade de Bonsucesso com destino a Acurra ilustra um exemplo estarrecedor. Um caminhão tem em média 7 metros cúbicos de madeira. Partindo-se da estimativa de 50 cargas/dia, são 350 metros cúbicos de madeira. Em custo, representam Cz\$ 350 mil, mais ou menos 1/3 da receita mensal da administração que neste ano prevê um orçamento de Cz\$ 23 milhões.

A ecologia também está ameaçada. A reserva indígena de Ibirama, ao ficar "careca" esgota um dos maiores sistemas naturais de contenção de cheias do estado. O trabalho contínuo das máquinas operadas pelo homem branco está desrespeitando todos os critérios para extração do produto e no tempo máximo de 15 anos, "a área não contará com apenas um metro cúbico de madeira", adverte Secchi. Tem sentido. No mesmo período, números demonstram que de 80 a 100 mil metros cúbicos de madeira já foram extraídos, embora a realidade tenha dimensão muito maior do que a versão do papel: Secchi acredita que esta marca deva ser no mínimo cinco vezes superada.

Apenas na região, cerca

de 50 empresas, principalmente dos municípios de Rodeio e Timbó, beneficiam-se com a extração ilegal de madeira, recrutando os próprios índios para o trabalho que é feito na maior parte durante a noite, em um celeiro completamente fechado, onde o barulho de vozes e máquinas acaba por volta das cinco horas da manhã. Desastrosa para a ecologia, a atividade tem sustentado a economia da região: apenas em Ibirama, gera em torno de três mil empregos diretos.

A fiscalização, pela Funai e IBDF, continua a fazer vistas grossas para o problema. Os fiscais comparecem ao local apenas quando "acionados" e até o momento nenhum organismo federal apresentou fórmulas concretas de resolver o impasse. Na reserva indígena de Ibirama vivem aproximadamente 1.200 pessoas, num total de 400 famílias, lideradas pelos Xoclings. O posto indígena é visto pela administração local como "chamariz" para a retirada de madeira pelos brancos, que se prevalecem da ingenuidade do índio para fazer as transações.

Enquanto isso, a sociedade branca trata de fazer mudanças. O índio anda hoje motorizado e vestido e já tem seu partido político. Aprendeu a negociar com os brancos e ensina o filho a fazer cálculos. Da natureza e dos costumes, a memória já começa a falhar. É que festa na reserva acontece apenas "uma vez no ano", diz O.G. Agora, ele e os outros, só tem o dia 19 de abril.